

AMBIENTE

Exploração do mogno provoca polêmica

Ambientalistas e importadores criticam medidas de controle do comércio da madeira

MONICA YANAKIEW

BRASÍLIA – Organizações não-governamentais (ONGs) e importadores europeus de madeira criticaram ontem medidas tomadas pelo Brasil para evitar exploração predatória de árvores na Amazônia, especialmente o mogno – madeira de alto valor no mercado internacional. O governo anunciou que prorrogará a proibição de novas autorizações para a exploração do mogno, decretada em 1996, que expiraria em julho.

Ambientalistas e comerciantes querem medidas mais drásticas e as empresas inglesas ameaçam interromper as compras de mogno brasileiro. Outros comerciantes, porém, temem que as medidas aumentem demasiadamente o custo para os importadores. O debate ocorreu durante uma reunião internacional convocada pelo governo

brasileiro, para discutir medidas de proteção ao mogno. Na reunião, que terminou ontem, o Brasil propôs a criação de cotas internacionais para exportação da madeira.

O representante da Trade Timber Federation (Federação do Comércio de Madeira) da Grã-Bretanha, Paul Martin, alertou que as empresas de seu país, segundo maior importador depois dos Estados Unidos, “poderão deixar de importar mogno do Brasil”.

Após o encontro, o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Eduardo Martins, respondeu à cobrança: “Temos de acabar com essa hipocrisia, que se resume à cobrança de uma produção sustentável de mogno, uma indiferença em relação à prática dos preços e uma sobrevalorização do livre mercado”, disse. Como exemplo, citou que o metro cúbico de mogno rende US\$ 40 para o produtor e US\$ 3 mil para o importador. As cotas seriam uma forma de combater essa disparidade de preços, que estimula a exploração predatória, defende Martins.

433
06/06/98
OESP

A-9